

JOÃO SUCARELLO POETA DOS «DISPARATES DO PORTO»

Por Luís Sá Fardilha

1 — Introdução

Na Biblioteca Municipal do Porto, um volume de reduzidas dimensões, contendo 150 páginas manuscritas, reúne o que Christóvão Alão de Moraes, seu compilador, afirma serem as «Obras Poéticas» do Doutor João Sucarello, «cavalleiro do hábito de Christo e Médico portuense». O volume está datado de 1667 e é constituído por 68 peças literárias distribuídas sobretudo por Romances e Sonetos, mas também por outras formas poéticas como Cartas, Décimas, Redondilhas, etc.¹

Formalmente diversificado, este conjunto de poemas tem a unificá-los uma mesma intenção satírica, geralmente bem individualizada e contundente. Sendo médico portuense, João Sucarello utiliza a poesia para uma crítica imediata a pessoas ou grupos sociais, pelo que nos é possível atingir, através das suas «Obras Poéticas», um pouco da ambiência social quotidiana do Porto moderno², assim como contactar com algumas das figuras que marcavam a cidade seiscentista.

O presente trabalho persegue dois objectivos imediatos: revelar a força da poesia satírica de João Sucarello Claramonte por um lado, revelando simultaneamente o efémero quotidiano das pequenas histórias dum Porto moderno que não ficou regis-

¹ O volume a que nos referimos é constituído por 24 Romances, 20 Sonetos, 11 Décimas, 4 Cartas, 4 Redondilhas, 1 Quintilha, 1 Quarteto, 1 Epigrama, 1 Epitáfio e 1 Sylviã.

² Para além da data da recolha destas «Obras Poéticas» — 1667 —, no volume o seu compilador assinalou a data de composição de dois poemas, ambos de meados do século XVII: 1645 (fl. 44 v.) e 1658 (fl. 61).

tado na História. Várias personalidades são visadas pela pena de Sucarello; há, no entanto, duas constantes neste conjunto de poemas: a crítica às instituições religiosas (freiras de Monchique e de S. Bento, sobretudo) e às instituições judiciais, quer em grupo, quer na pessoa de alguns dos seus elementos.

2 — As religiosas: Monchique, S. Bento e Cellas

No que respeita às instituições de religiosas, elas constituem um alvo frequente. Maria da Ressurreição, freira do Monchique, que «falava a Lopo Moreno Judeu», foi o motivo inspirador desta deliciosa sátira, em que o Autor se serve dos virtuosismos em voga num barroco conceptualista então dominante para obter uma ironia que redundava iconoclasta:

«Se Amor hé fogo fatal
Não sey quem vos persuade
Que haja de arder por vontade
Quem lhe tem ódio mortal:
Não gasta amor figadal
Nem verdadeira affeição
Quem hé por toda a rezão
Tão incrível Thomé
Que entre outros erros da fé
Não crê na *Ressurreição*».

Este virtuosismo literário, bem fornecido de Retórica, nem sempre era utilizado com a objectividade e o desinteresse do exemplo acima citado. Frequentemente ele é utilizado bem pragmaticamente, para verberar o desprezo de alguma freira, a quem os votos não impediam de ser sua amante, tendo-o trocado por um qualquer frei Bernardo. O soneto que seguidamente se apresenta é um bom exemplo disso mesmo, concretizado em Maria do Spirito Santo, conversa de Cellas:

«Soror Dona Barbata, em que vos pez
Haveismo de pagar por esta cruz,
Eyvos de pôr as mãos, pois lhe não puz
Ao vosso frade os cornos desta vez.

Ser amante não tira o ser cortez
Ser firme acções grosseiras não produz
Mas se o ouro não hé tudo o que luz
Não perde o anno o que perdeo o mez.

Se contra vós algũ delito fiz
Em fazer o que todo o mundo faz
Vós não podeis ser parte e mais Juiz:

Mas por esta carinha de rapaz
Que se o vosso Bernardo o contradiz
Que 'hé hũ refinadíssimo palmaz».

Estes remoques individuais por vezes generalizam-se a todo o grupo de freiras, demonstrando o ambiente degradado que era norma nos conventos da época. Só num ambiente dissoluto e profanizado se pode compreender um texto como o do soneto em que João Sucarello acusa as freiras de Monchique de «matarem de Amor, e mais de fome», quando o convidaram para uma festa onde, enquanto os frades comiam e se divertiam com «festifolgas», o nosso doutor «fica em jejum vendo as estrellas»:

«Guardadoras deste outeiro
Ó nunca foreis, não, tão guardadoras,
As que ajuntando estais todas as horas,
Mais do que enthesourou Pêro Pinheyro.

Partese à vossa festa hum cavalleyro
Tingindo em sangue as rodas das esporas
Cuida que há de comer: não faz demoras
Nem quer provar os mexilões de Aveiro.

Fazeis sarapatel, juntais panellas
Há festifolgas, todo o frade come,
Elle fica em jejum vendo as estrellas.

Já vos conhecem, já vos sabem o nome
Sois igualmente míseras e bellas
Pois que matais de Amor, e mais de fome».

Este poema constitue um testemunho claro da importância dos conventos seiscentistas como centros de uma vida social intensa, desviando-se do fim religioso que primariamente perseguem.

3 — A instituição judicial

Este ambiente de corrupção não era, contudo, privilégio exclusivo de freiras e frades. João Sucarello não deixa de satirizar a dissolução de costumes correntes noutras classes, à pri-

meira vista «acima de toda a suspeita». É precisamente um cariz de denúncia em relação à vida privada de alguns membros da instituição judicial que assumem as Décimas feitas por João Sucarello «a Eva da Cruz que andava com Pedro Paulo de Souza amancebada sendo ele Corregedor da Comarca do Porto»:

«Por toda a cruz christãmente
Jurei sempre: mais não sey
Cruz se por vós jurarey
Bem, e verdadeyra mente:
Se quem murmura não mente,
Quem cuidara de vós tal
Pois tanto por vosso mal
Eva parecer quizestes
Que cum Pero cometestes
O peccado original.

Bem pudera o senador
Pois que veste a saltimbarca
Deixar de ser da comarca
Outra vez corregedor:
Mas são milagres de Amor,
Que já lá na idade d'ouro
Por hir a Europa ao couro
Jupiter de amor ferido
Dizem que foy convertido
Na bruta forma de hũ touro».

A insinuação do paralelo entre o Corregedor Pedro Paulo de Souza e um touro, aparentemente duma grande contundência, passa por uma leve ironia, quando comparada com a violência do Autor ao dirigir-se a Domingos Ribeiro de Macedo, Corregedor do Crime do Porto, que tivera o atrevimento de prender o A. deste soneto:

«Lobo cervical, fantasma peccadora,
Alimária christãa, selvage humana
Que eras com vara pescador de cana
Quando devias ser burro de nora.

Levete Belzebu, vaite em má hora
Levanta desta vez fato e cabana
E não pares senão na Taprobana
Ou no meyo da Lybia abrasadora.

Queimete hũ rayo, partate hũ corisco
Na cama estejas tu fessas na rua
Sepultura te dem montes de cisco.

E toda aquella cousa que for tua
Contigo corra sempre o mesmo risco
Ó alimária christhã, ó besta crua».

Para além de todos os epítetos com que João Sucarello mimoseia Domingos Ribeiro de Macedo, é de realçar neste soneto a alusão à sua condição de magistrado, de que o Autor parece achá-lo fortemente indigno: «Que eras com vara pescador de casa/Quando devias ser burro de nora».

Testemunho ainda da pouca conta em que João Sucarello tinha os membros da Magistratura é também um Romance que dedica a Duarte Ribeyro de Macedo, «sendo este Juiz de fora de Elvas, que morava sobre a cadeia da cidade» e de que citaremos apenas a primeira estrofe:

«Juiz, que na sala livre
Preso há dous años estais
Respirando ares corruptos
Nũa masmorra infernal».

Nestes 4 versos se cristaliza a perfeita desmistificação da instituição judicial, assente no crime que a justifica e deixando-se corromper por este. É a imagem do Juiz que, «na sala livre», respira «os ares corruptos» da cadeia sobre a qual vive.

4 — «Os disparates do Porto»

Sendo essencialmente um poeta satírico e pragmático, João Sucarello apresenta-nos uma poesia topograficamente bem localizada. O Porto está no centro das suas atenções, através da crítica desassombrada e frequentemente feroz a algumas das suas figuras cimeiras, como já tivemos oportunidade de constatar. No entanto, sente-se, nas suas «Obras Poéticas», o fervilhar citadino, em poemas que assumem um papel de autênticas crónicas da vida quotidiana. É o que acontece num Romance escrito «a João de S. Agostinho, Frade Loyo estando em Guimarães sua Pátria, e o Autor na Cidade do Porto», que se compõe de um relatório bastante completo sobre o dia-a-dia desta última cidade e do próprio Sucarello:

«(...)»
Não sinto cousa que possa
Deter-vos nesse lugar.

Perdeste cá peixe fresco
Sardinha viva sem sal
Muita soma de cabrinhas
E muito infindo goraz...

Vierão Naos do Brazil
Trouxerão muito ananaz;
Hum Francez de Bacalhao
Tres caravellas de sal.

Prenderão Gaspar de Anhaya
Por se querer reformar
Elle, e mais o seu cavallo
Sem ordem do general.

Proverão mais a João Diaz
Em Corrigo Magistral
E mais não leo como Escoto
Nem como Santo Thomás

Fizerão nova Abbadeça
As Madres do Codeçal
Mas ouve ne parte a parte
Chapinhas a rachar.

Eu tenho Freira em Monchique
Por ter em que me occupar.
Mulher de grandes primores
Muito honrada e figadal.

Não hé muito sabichona,
Que digamos; porém faz
Ricas ameixas de calda
Fermoso manjar real.

A moça zomba zombando
Bota patacas ao mar
E faz vangloria de ser
Grandiosa e liberal.

Livrevos Deos, Frade Loyo
D'húas que dão seis, e ás
Amigas de fallar culto
Mortas por discretear.

Que entre iogo e zombaria
Vos põe, salvo tal lugar
Hum par de cornos na testa,
Cornos bentos de tres val.

Mas a minha não há destas
Hé mulher mui cortezam
E agora manda hum bilhete,
Pede-me que chegue lá».

Numa Carta, que João Sucarello envia de Elvas a «Gregório Martins Ferreira Deão que foi do Porto», o Autor queixa-se precisamente «da ausência e do desterro» em que se vê, «feito Abegão nos campos do Alentejo». E sente saudade do Douro, do ritmo agitado e divertido em que então se vivia no Porto:

«(...)
Oh! Quem me dera agora
metido em hũ barquinho
fazer convosco hũ ledo botafora;
E posto em frio o vinho
brindarmos muito sengos
à saúde da Fonte dos Framengos.
Logo pella bolina
à vista da fermosa Catherina
(para que por lograr nada nos fique)
dar fundo junto à cerca de Monchique,
e acerca daquella
primeira luz, madrugada estrellá,
dizer de cá do Rio
muita loucura, muito desvario. (...)»

Longe do Porto, Sucarello sente-se fora do seu ambiente, lamenta-se, sente a falta do peixe fresco e de vinho Bortalengo:

«(...)
Aqui o peixe fresco mais gabado
de Setúbal nos chega embalsamado
E nós sem nos livrarmos de tal erro
damos-lhe seu enterro
nas miseráveis panças;
Comem só peixe fresco as esperanças.
Aos quartilhos por bom e alto preço
nos vende Borba o vinho, digo o geço;
mas lança-lhe primeiro
também seu real d'ágoa o Taverneiro,
(...)
Se em Elvas estivera
o nosso Bortalengo, não dissera
com tão galante mágua
não vimos Rio, nem bebemos água,
antes muito de veras magoado
bebera ágoa avinhada ou vinho agoado».

Actor permanente da cena quotidiana portuense, Sucarello servia-se da sua pena para uma intervenção directa e concreta na sua vida social, não deixando no entanto, como acabámos de ver, de escrever poemas em que está presente um lirismo amargo, em que se patenteia bem a paixão por esta cidade, paixão tanto maior quanto ele se sentia uma sua parte. Escolhemos, por isso, como fecho do presente trabalho, um Soneto em que estão presentes todos os vectores da sua obra e que constitue uma pintura impressionista, feita a largas e firmes pinceladas, dos «Disparates do Porto».

É a seguinte a leitura do Soneto:

«SONETO.

Definindo os disparates do Porto.

As valentias de Gaspar de Anhaya
O mero-misto imperio do Sarinho
A calva de João Nunes frita em vinho
As folhas do Ficão de Miragaya.

Mercancia de esterco, ambar da Maya
Bem comprado por lenha, ou por toucinho,
Geral remédio dentre Douro-e-Minho,
Achado antes nas cazas que na praya.

Baeta calva, imensa gravidade
Dos Infansões mantidos a farello
Da mantá rota a célebre irmandade.

Este hé o Porto acabo de dixello
O muyto nobre, e sempre leal cidade
Quem me te vira posta de bacello».